



Operação Tempus Veritatis

Cúpula bolsonarista tentou dividir o Exército para dar golpe, mas fracassou

— Generais e coronéis dizem que houve ‘traição’ e ‘deslealdade’ por parte de ministros e auxiliares militares de Bolsonaro que buscaram jogar a tropa contra os comandantes

ESTADÃO ANALISA

MARCELO GODOY

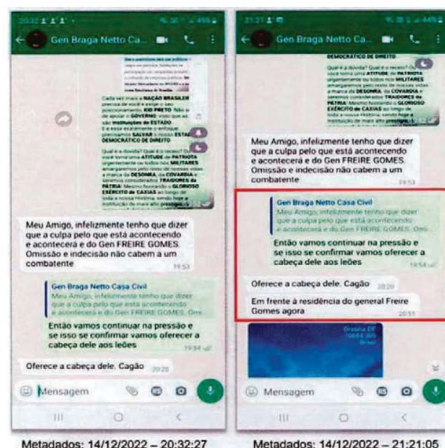
A tentativa de desacreditar o Alto-Comando do Exército (ACE) era parte fundamental da conspiração nascida dentro do Palácio do Planalto para dividir a corporação, colocar a tropa contra os comandantes que resistiam à ideia e consumir o golpe de Estado que, segundo investigação da Polícia Federal, teria sido tramado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e ministros militares.

Após a ação dos policiais na quinta-feira da semana passada, o Estadão apurou que generais e coronéis concordaram que houve “traição” e “deslealdade” na atuação da cúpula bolsonarista, formada pelos ex-ministros militares Walter Braga Netto e Augusto Heleno, e do general Estevam Cals Theophilo Gaspar de Oliveira, que, para a PF, seria o responsável por operar o golpe.

Esses generais e coronéis ressaltaram, no entanto, que a tentativa de divisão do Exército fracassou e que a instituição não se corrompeu, embora tenham admitido que autoridades importantes foram seduzidas pelo “canto da sereia golpista”. Dos 16 integrantes do Alto-Comando do Exército, 11 eram contrários ao golpe de Estado e de quatro a cinco, entre eles Theophilo, tido como o mais bolsonarista dos generais da ativa, eram favoráveis. Dois outros generais que ainda estão na ativa expressaram opiniões favoráveis à ruptura, mas não agiram para que ela se concretizasse.

Sem a adesão do Alto-Comando, a conspiração golpista seguiu para o plano B, a “festa da Selma”, como os bolsonaristas chamavam o ato que depois se tornou o 8 de Janeiro: assim como ocorreu no Sri Lanka, a ideia passou a ser colocar a população na rua, mais especificamente em frente aos quartéis, para incitar uma rebelião nas fileiras do Exército e fazer com que a tropa passasse por cima dos generais.

FRITURA. Uma das frentes dessa estratégia era desacreditar



Em mensagens, Braga Netto xinga o ex-comandante do Exército Freire Gomes e critica o ex-comandante da Aeronáutica Baptista Júnior



os comandantes os acusando, por meio do “gabinete do ódio” nas redes sociais, de serem “melancias”, verdes e patriotas por fora, mas vermelhos e comunistas por dentro. A investigação da PF mostrou os bastidores desse processo de fritura ao encontrar mensagens nas quais Braga Netto relata que o então comandante do Exército, Marco Antônio Freire Gomes, estava omissivo e indeciso sobre o golpe.

Força Terrestre Dos 16 integrantes do Alto-Comando do Exército, 11 eram contrários ao golpe de Estado

“Então vamos continuar na pressão e, se isso se confirmar, vamos oferecer a cabeça dele aos leões”, respondeu o capitão reformado Ailton Barros, que depois foi preso na investigação sobre suspeita de fraudes em cartões de vacina contra a covid-19. “Oferece a cabeça dele. Cagão”, determinou Braga Netto em seguida.

Também não passou despercebida a pressão sobre as famílias dos militares. Em dezembro do ano passado, o brigadeiro Carlos de Almeida Baptista Júnior, então comandante da Força Aérea, procurou interlocutores para dizer que não iria trair os valores militares.

A reportagem apurou que foi Baptista Júnior o responsável por vazar a informação de que os comandantes das Forças Armadas pretendiam entregar os cargos antes do fim do governo Bolsonaro para não se submeterem ao governo Lula. O vazamento acabou por frustrar a iniciativa. “Senta o pau no Batista Júnior. Povos sofrendo, arbitrariedades sendo feitas e ele fechado nas mordomias, negociando favores. Traidor da pátria. Daí para frente. Inferniza a vida dele e da família”, escreveu Braga Netto em mensagem obtida pela PF.

DIFAMAÇÃO. A Operação Lucas 12.2, aberta pela PF em agosto do ano passado para apurar a venda ilegal de presentes recebidos por Bolsonaro na condição de presidente da República, revelou a primeira ligação entre assessores militares do ex-presidente e um dos artífices da campanha de difamação contra generais do Alto-Comando que se opunham à aventura golpista defendida por bolsonaristas acampados na frente dos quartéis.

Ação contra os generais ganhou força em 28 de novembro de 2022, quando um dos netos do ex-presidente João Figueiredo, Paulo Figueiredo Filho, afirmou em um programa de rádio: “Eu apurei que há (generais do Alto-Comando) que têm se colocado de forma aberra-

ta contra uma ação mais contundente das Forças Armadas. Mas, hoje, por um dever cívico, vou dar nome aos bois, pois o povo brasileiro tem direito de saber quem é quem”.

Ele continuou: “Os três que estão agindo são o general Richard Nunes, o general Tomás Miguel Paiva e o general Valério Stumpf”. A fala desencadeou uma campanha nas redes sociais que passou a caluniar e a difamar os generais, qualificados como “carreiristas”, “traidores” e “melancias”.

HIERARQUIA. O descrédito do Alto-Comando permitiria o passo seguinte: a quebra de hierarquia tão cara aos militares para consumir o golpe. Então chefe do Comando de Operações Terrestres, o terceiro escalão da corporação, o general Theophilo passou por cima do comandante do Exército e do ministro da Defesa ao se reunir diretamente com Bolsonaro.

De acordo com a investigação da Operação Tempus Veritatis, ele prometeu ao ex-presidente mobilizar seus comandados, os “kids pretos”, para prender o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes.

Estevam Theophilo integra uma das famílias mais tradicionais do Exército, responsável por produzir quatro generais. Entre eles, César Cals, governador do Ceará durante a ditadu-

ra. Já Guilherme Theophilo, irmão de Estevam, chefiou o Comando Militar da Amazônia.

Estevam Theophilo foi responsável por causar rusgas entre o governo Lula e o Exército após o 8 de Janeiro. Depois de ouvir do ex-ajudante de ordens de Bolsonaro, o tenente-coronel Mauro Cid, que ele teria ser preso nas primeiras semanas de 2023, o general afirmou que conversaria com o então comandante do Exército, Júlio César de Arruda. O comandante insistiu em manter Cid na chefia de um batalhão de Operações Especiais após os atos golpistas, o que foi a gota d’água para Lula demiti-lo.

Theophilo foi um dos defensores da venda de viaturas do blindado Guarani para a Ucrânia usar na guerra contra a Rússia. A negociação opôs o poder civil, por meio do Itamaraty, que defendia a neutralidade no conflito, aos militares. No início do ano passado, o Coter, comandado por Theophilo, promoveu o 1.º Seminário Internacional de Doutrina Militar Terrestre do Exército, para o qual foram convidados EUA, Alemanha, Reino Unido, França, além de outros países da Otan, dos Brics e do Mercosul. Duas ausências eram notáveis: Rússia e China. Novamente, a diplomacia militar se aproximava do polo liderado pelos EUA, na contramão da neutralidade pregada pelo Itamaraty. ●

FOTOS: REPRODUÇÃO/PROCESSO JUDICIAL